

A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DE CLARICE LISPECTOR NO CONTO “FELICIDADE CLANDESTINA” A PARTIR DA ÓTICA DE WALTER BENJAMIN

Autor: Tayane Cristina de Souza Hipólito; Emmanoel de Almeida Rufino (Orientador)

*Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba
tayanecri12@gmail.com; emmanoel.rufino@ifpb.edu.br*

Resumo: Neste estudo nos propomos a pensar a educação a partir do conceito de experiência de Walter Benjamin, subsidiados pela experiência de aprendizagem expressa por Clarice Lispector no conto “Felicidade Clandestina”, com objetivo de levantar reflexões sobre a experiência de aprendizado desenvolvida atualmente.

Palavras-chave: Clarice Lispector, Educação, Escola, Experiência, Walter Benjamin.

Introdução

O que importa para o indivíduo moderno é a constante busca de assimilar novas ideias e através delas ter sempre uma opinião a respeito de tudo. O indivíduo sem tempo, mas que tem que ter tempo pra tudo, trabalha em excesso e nunca para, não relaxa; ócio é visto como perda de tempo, e tempo é oportunidade de adquirir sempre novas informações.

A experiência é cada vez mais rara, ou como fala Benjamin, no conto *Experiência e pobreza*, mais pobre. E na escola não se torna diferente. Parece que cada vez mais a forma de aprendizagem é superficial e o que julgamos ser conhecimento é somente um acumulado de ideias que não fazem sentidos reais ou provocam efeitos significativos. O que tentamos discutir no presente artigo é o tema da *experiência*. Partimos dos conceitos e questões levantadas por Walter Benjamin a respeito da experiência e feitas compreensões sobre o tema, buscamos entender a experiência de leitura vivida por uma Clarice Lispector criança, e dessa forma associando o que a experiência de Clarice nos releva para pensarmos na experiência educativa que desenvolvemos dentro e fora do âmbito escolar.

Em dias atuais cada vez mais caóticos de informações muitas vezes falsas, a experiência da educação é fragilizada, e pensar em como temos vivido o processo de aprendizagem e como somos tocados e influenciados ultrapassa os limites da alvenaria das instituições escolares. Antes de sermos estudantes, aprendizes, somos seres humanos, e a forma como lidamos com nossa humanidade reflete nossa capacidade de partilharmos experiências. Pensar na experiência voltada para a educação, nos permite refletir sobre o real

propósito dela, e o poder que tem de provocar transformações em cada indivíduo, e dessa forma na sociedade.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa terá um caráter eminentemente bibliográfico, cujo foco se aloca na reflexão da educação a partir do conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector, lida à luz do conceito de experiência de Walter Benjamin.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Experiência: o que nos toca e nos transforma

Na atual sociedade da informação, o indivíduo humano é impactado por uma série de notícias, acontecimentos e fatos, seus sentidos são estimulados a todo momento, e sua capacidade de percepção é testada sem folga. A vida contemporânea é marcada pela agitação e pelos excessos, mas não por preenchimentos. O homem moderno partilha da constante maratona de adquirir sempre mais informações, que acaba por julgar erroneamente como conhecimento. Seu cérebro é forçado a armazenar para saber, e saber tudo, sobre tudo, e sempre que lhe for solicitada uma opinião, esta deve estar formulada na ponta da sua língua pronta a ser despejada imediatamente, de forma a demonstrar domínio sobre qualquer assunto que lhe for tocado. E quanto mais idade tiver o homem mais posto a prova do saber é colocado, tendo em vista que por ter vivido mais anos é possuidor de inúmeras experiências. Entretanto excesso quantitativo não é de maneira alguma prenúncio de qualidade.

Todos os dias contemplamos diversas vivências, mas raramente algo nos transpassa ao ponto de se tornar uma experiência. A experiência é de essência mais profunda, quase que cirúrgica, tende a ser penetrante, petrificante, estabelece conexões maiores com o ser que firma contato, é capaz de provocar mudanças, transformar. A habilidade do homem de captar o que o cerca, ou de simplesmente prestar atenção e a forma como seus sentidos recebem as informações e respondem, acabam por definir cada um e modulam nossa capacidade de experiência.

Segundo Larrosa (2002, p. 21) “a experiência é o que nos passa, nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, o que o toca”, pensamento que elucida breve e claramente a diferença do que seria experiência e vivência, respectivamente. Vivenciar todos

os dias uma série de acontecimentos que provocam diversas emoções, está longe de provocar experiências de fato. O indivíduo demasiado informado, não é dessa forma, o indivíduo experiente. Este é apenas o indivíduo que acumulou e continua no processo de acumular cada vez mais informação, muitas vezes não permitindo que elas provoquem algum efeito. Portanto, o indivíduo que leu muitos livros, não é o melhor apreciador das palavras, nem o exímio pintor de rostos humanos o melhor apreciador dos detalhes faciais.

A experiência é singular e particular a cada um. Partindo da ideia de duas ou mais pessoas assistindo a uma montagem teatral, ou visitando uma exposição de arte, a experiência que se passará é distinta a ambas, deriva de sensações provocadas unicamente, da construção pessoal que a experiência de que viver provoca em cada uma, e dessa maneira a impacta, a toca, a atravessa. O olhar é pessoal assim como a experiência.

É no processo que se encontra a experiência, não se abrindo portas ou janelas de possibilidades sobre adiantamentos, para viver a experiência é necessário arriscar-se, correr riscos. No primeiro parágrafo do texto “Experiência e pobreza”, Benjamin (1985) fala da experiência que um pai passa para seus filhos e conclui “a felicidade não está no ouro, mas no trabalho” (1985, p. 145). Nesse excerto é perceptível a importância do processo para a experiência, o tempo gasto na busca, se torna mais importante que a própria recompensa final, pois o aprendizado, a experiência de fato, se desenvolveu no decorrer, provém da qualidade do tempo empregado no trabalho que foi realizado.

2. O que há de experiência benjaminiana na experiência de Clarice no conto “Felicidade clandestina”? E quais suas implicações à educação?

No tocante do assunto abordado neste artigo, que tenta passear pelas curvas da estrada intitulada experiência, se encontra a pequena Clarice, moradora da cidade de Recife e ávida pela leitura de um livro que a tomava de emoção e a devastava, somente pela ideia de tê-lo em suas mãos e talvez a possibilidade de folhear suas páginas.

No início do conto *Felicidade Clandestina*, Clarice fala “[...] mas possuía (a menina ruiva) o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria” (LISPECTOR, 1998, 16), e ao colocar a palavra devoradora, nos permite uma primeira observação, quem devora consome, engole sem mastigar, mastiga sem sentir sabor, não se permite a experiência. Entretanto, Clarice ainda não tinha compreendido, assim como os filhos do dono do vinhedo em busca do tesouro (BENJAMIN, 1985), que a experiência se encontrava no processo e não no ouro.

Clarice foi iniciada num processo de uma experiência clandestina quando descobriu que uma colega sua – filha de um dono de livraria – possuía o tão desejado livro *As reinações de Narizinho*. Tomada tanto pela esperança de que a menina ruiva emprestasse o livro e pela angústia de não conseguir o empréstimo, Clarice persistia em ir todos os dias à casa da dona do livro, sempre ouvindo dela uma desculpa de que o livro não mais estava com ela naquele momento, mas que voltasse depois. E Clarice continuou sua busca pelo livro, busca que continuou até o dia em que a mãe da menina deu-lhe o livro, a contragosto de sua dona. Aquela mãe exigiu que a filha entregasse o livro a Clarice e que ela permanecesse com ele pelo tempo que julgasse suficiente. E assim sucedeu. Estava Clarice com o livro, mas após todo processo que ainda não havia terminado, não desejava mais devorá-lo. Diz ela:

Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante (LISPECTOR, 1998, p. 18-19).

Clarice estava com o ouro em mãos e por não querer mais devorá-lo, queria sentir seu sabor, degustar cada frase, sílaba, palavra que ali estavam impressos, vagorosamente, sem precipitações. Procrastinava sua leitura; por vezes deixava o livro aberto em seu colo para que o momento com ele fosse alargado, e assim sentia a emoção a tomar. A experiência de Clarice sobre a descoberta da tal felicidade clandestina tinha alcançado o mais profundo se si, saído das superficialidades do “devorar”. A experiência com o ouro em mãos iniciava-se, e encontrava-se na medida que ela desbrava o desconhecido.

O processo para alcançar as *Reinações de Narizinho* ensinou a Clarice algo maior que a simples vivência da leitura de um livro. O tempo empregado na busca desenvolveu nela uma transformação e no conto presenciamos a metamorfose não apenas uma menina ansiosa por um vício, mas a mudança de uma devoradora para uma apreciadora das palavras. Clarice realmente iria viver a experiência com o livro, ou como fala a própria autora sobre a

transformação da sua experiência: “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

A experiência sendo rápida como uma fração de segundo, como descreveu Drummond em seu poema *Eterno*, ou duradoura como a saudade, não se repete. Se voltarmos o olhar para Clarice enxergamos o encontro do leitor diante da leitura, a tão comovente capacidade de nos tocar que existe nas palavras, e de nos levar para outras dimensões, de nos fazer transcender. No conto *Felicidade Clandestina*, encontramos uma menina de muitas leituras, uma vivente de inúmeras histórias, devoradora, mas que apenas contemplou o sentir da troca entre o encontro com um livro, diante das *Reinações de Narizinho*. Ao chamar sua experiência feliz de clandestina, Clarice levanta observações para pensarmos que a real experiência se torna tão rara que sua prática é como um ato criminoso, atitude ilegal diante dos atuais parâmetros sociais. Criamos regras e nelas estamos presos, indivíduos alienados, inexperientes.

Quando pensamos as implicações da experiência de Clarice ao fenômeno da educação, despontam alguns imperativos reflexivos. Vemos nossa cultura escolar privilegiar um currículo inchado de conteúdos sem dar tempo para que se os mature, muitas vezes sob as ameaças dos vestibulares sempre às portas. Assim devoramos informações, perdemos a possibilidade de encontrar sentido, ter prazer com as informações que apre(e)ndemos¹ e, assim, guardá-las com paixão. O mais comum ao estudante da atualidade é ser um acumulador de conhecimento, devorador de informação. Se pensarmos no âmbito de desenvolvimento científico-acadêmico da atualidade, nos deparamos com uma série de produções em ritmos desenfreados e um enorme espírito de competição e busca por títulos (Cf. LARROSA, 2002, p. 28). Vinculando-se à rigidez tecnocrática, o processo científico acaba, assim, por não abrir margem para a experiência.

CONCLUSÃO

O processo de desenvolvimento das experiências na educação ultrapassam os limites das instituições escolares, as experiências do contato entre todos que participam do processo, como também do aprendizado sobre os conteúdos acadêmicos e da qualidade do tempo que

¹ Nesses termos, destacamos uma esclarecedora inquietação manifesta por Emmanoel de Almeida Rufino em seu livro, *Ensaio sobre a (i)nsensibilidade*: “Quando eu estudava no ensino fundamental e médio, nunca entendia os motivos pelos quais, nem ao menos completadas as minhas férias de fim de ano, nunca conseguia me lembrar de tudo que havia estudado. Só com muito esforço, às vezes conseguia listar metade dos conteúdos. Pensava em possibilidades: talvez burrice crônica, talvez amnésia precoce. [...] Hoje compreendo: minha mente não resistia a tantas informações se guardasse todas elas. Nossa mente precisa esquecer, para lembrar. Disso, o velho Freud tem muito a nos dizer. As coisas são organizadas para que esqueçamos, no mesmo ritmo das mercadorias que precisam ficar velhas tão logo saiam da vitrine” (RUFINO, 2016, p. 16).

empregamos e dedicamos no decorrer da aprendizagem tem que ser entendida assim como Clarice tomou os primeiros contatos com a obra de Lobato, sem precipitações, sem devorar. Aprender requer qualidade sobre tudo que se relacione ao processo.

Se atualmente somos devoradores de conhecimento e nos acomodamos – não permitindo seguir caminhos fora das técnicas estabelecidas – não abrimos espaço para a transformação que a educação pode provocar em nós. Vivenciamos um processo educativo alienado, baseado em regras e estipulações que não se preocupam propriamente com o indivíduo humano. Sistemas educacionais dos excessos que produzem pobres inexperientes. Dificilmente se produz com identidade própria, atualmente na era das cópias, xerocamos técnicas e métodos sem a permissão da liberdade de plena criação e descoberta.

A experiência pedagógica de Clarice diante do fenômeno da leitura nos coloca diante do fato de que o processo da aprendizagem é singular e sofre influências das mais diversas situações que nos acontecem, já que a todo o momento estamos aprendendo algo. O problema é que somos constantemente estimulados por informações, por movimentos que nos provocam às mais diferentes emoções e permitindo que quase nada nos transpasse e nos modifique, somos os sujeitos que nunca param e por isso não nos permitimos vivenciar experiências. A experiência de Clarice nos ensina que quem devora os livros perde a chance de experienciar seus sabores, de transpor o intelectualismo em favor do alcance da sabedoria. A experiência escolar não é diferente das outras, sendo da mesma forma prejudicada pela dificuldade do contato, pelo excesso da informação, pela falta de tempo e de ócio.

Se atualmente o sujeito contemporâneo é o que estudou, trabalhou, produziu, desenvolveu, ele não passa de um acumulado de técnicas pré-determinadas, títulos de acúmulos que, por sua vez, não refletem uma identidade singular. Esse sujeito vive algo sem aura (Cf. BENJAMIN, 1985, p.126).

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. **Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 123-128.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n. 19, p. 20 – 28, 2002

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**: contos. Rio de Janeiro, Rocco, 1998, p. 16-19.

RUFINO, Emmanoel de Almeida. **Ensaio sobre a (in)sensibilidade**: aprendendo com verdadeiras experiências humanas. João Pessoa: Edição do Autor, 2016.